



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ANA LÚCIA GOMES BRAGA BENEDITO

**LEITURA E ESCRITA:
OS DESAFIOS VIVENCIADOS PELOS PROFESSORES NO
PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES**

CAJAZEIRAS - PB

2007

ANA LÚCIA GOMES BRAGA BENEDITO

**LEITURA E ESCRITA:
OS DESAFIOS VIVENCIADOS PELOS PROFESSORES NO
PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Gerlaine Belchior Amaral.

CAJAZEIRAS - PB

2007



B4631 Benedito, Ana Lúcia Gomes Braga.
Leitura e escrita: os desafios vivenciados pelos professores no processo de formação de leitores / Ana Lúcia Gomes Braga Benedito. - Cajazeiras, 2007.
43f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2007.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura e escrita- aprendizagem. 2. Formação de leitores. 3. Prática docente-leitura e escrita. 4. Leitura-linguagem. I. Amaral, Maria Gerlaine Belchior. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.016:003-28.31

ANA LÚCIA GOMES BRAGA BENEDITO

**LEITURA E ESCRITA: os desafios vivenciados pelos professores no
processo de formação de leitores**

Monografia aprovada em 10 de maio de 2007.

Maria Gerlaine Melchior Amaral

Prof^ª Ms. Maria Gerlaine Melchior Amaral (orientadora)

Dedico esta monografia aos educandos e educandas, que de forma direta ou indiretamente estão sempre despertando em mim a busca incansável pela melhoria da minha prática docente. Em especial àqueles educandos e educandas que foram objeto de estudo para concretização desta monografia. À vocês, que por está na condição de alunos aceitaram os desafios que lhes foram propostos por mim, enquanto educadora.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor, a ti, que nos concedestes a vida, somos gratos, pois o que antes parecia longínquo hoje se concretiza. O caminho foi duro e árduo, mas graças a ti soubemos como enfrentá-lo e, felizmente, obtivemos a conquista de nosso ideal. Continua a dúvida do amanhã e é em ti, que encontramos o estímulo de sempre seguir em frente. Rogamos que estejas conosco a cada momento de nossas vidas, como estivestes até hoje.

Ao meu esposo, que abriu mão de momentos de convívio, que sofreu com a minha ausência quando o dever e o estudo me chamavam. A você que tentou ocupar as horas solitárias de todos os modos possíveis, que com muita paciência e dedicação cuidou de nossos filhos e do nosso lar, enquanto eu estudava. Meu abraço de carinho, meu reconhecimento pelo sacrifício e a minha promessa de fazer o máximo para que esses anos sejam lembrados como momentos felizes e muito intensos.

Aos filhos, Cássia Manuelle, Henrique e Matheus razão maior da minha existência e sacrifício e razão das minhas conquistas. A vocês que enfrentaram dias e noites a minha ausência e com elas a falta de proteção, carinho, cuidado, orientação e afeto materno.

Aos pais, a vocês que são a alegria do meu viver, que estiveram sempre nos meus pensamentos e principalmente em meu coração.

Aos amigos e colegas de profissão, a todos aqueles que cruzaram meu caminho, aqueles com quem dividi o espaço, aqueles que de uma forma ou de outra me ajudaram incansavelmente. Cada um de vocês que passaram na minha vida e deixou um pouco de si e levou um pouco de mim.

Aos mestres, a vocês, que compartilharam os nossos ideais, incentivando-nos a prosseguir na jornada; transmitindo-nos seus conhecimentos e experiências com dedicação e carinho, e estimulando o crescimento do nosso sonho. Sentimos orgulho de tê-los na nossa memória não só como mestres, mas como amigos.

A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito.

(Paulo Freire)

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado.

(Paulo Freire)

RESUMO

A presente investigação tem como objetivo primordial desenvolver junto aos alunos, atividades que suscitem a descoberta do prazer da leitura e o despertar do senso crítico. Portanto, optei como metodologia por desenvolver uma pesquisa exploratória, iniciando de um levantamento bibliográfico aponderando-se por base em autores renomados como: Bagno, Breves Filho, Cagliari, Dias, Ferreiro & Teberosky, Freire, Gonçalves, Jolibert, Martins e Matos entre outros, que tornou possível um maior aprofundamento da temática. Optei como instrumento de coleta de dados a análise das observações vivenciadas em sala de aula, o que favoreceu uma visão panorâmica dos principais desafios encontrados pelos professores e alunos na aquisição da leitura. O que norteou a próxima ação da pesquisa com possíveis intervenções. Da qual passei a desenvolver um projeto de leitura com estratégias diversificadas, procurando envolver todos os discentes e docentes de forma espontânea e prazerosa, considerando sempre a razão primordial dessa pesquisa em redirecionar as ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, como também proporcionar possíveis soluções para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. A partir dos estudos realizados torna-se cada vez mais evidente a necessidade de se investir no capital humano, tanto dos docentes, quanto da equipe de apoio pedagógico, para juntos sermos conhecedores das mudanças propostas no âmbito educacional, oferecendo um desenvolvimento coletivo e reflexivo ligando a realidade do educador, educando e comunidade para juntos vivenciarmos ações para toda formação educacional do estudante e para a formação de cidadãos no mundo. Só assim podemos formar sujeitos conscientes, críticos e reflexivos da sua atuação e participação ativa no mundo em que vivemos.

SUMÁRIO

Introdução	01
1.O desenvolvimento da linguagem e a aprendizagem da leitura e da escrita	05
1.1.Leitura e realidade brasileira: um breve histórico.....	05
1.2. Leitura: da necessidade à compreensão do mundo.....	11
1.3. O tratamento da leitura nas salas de alfabetização.....	13
1.4. Leitura transcrição ou construção.....	18
2. Concepções e práticas docentes referentes ao processo de leitura e escrita	20
2.1. Os tipos de leitura.....	21
2.2. As estratégias de leitura utilizadas em sala de aula.....	23
2.3. As metodologias adotadas para desenvolver a leitura e a escrita.....	27
2.4. O significado social da leitura para o professor.....	28
2.5. O significado social da leitura para o aluno.....	29
3. Análise das práticas pedagógicas em relação á leitura	31
3.1. Caracterização da escola campo de Estágio.....	32
3.2 Análise dos resultados.....	34
Considerações finais	40
Importância do Estágio Supervisionado e da elaboração da monografia para a minha formação	
Referências	42
Anexos	44

INTRODUÇÃO

Esta monografia é uma exigência do curso de Pedagogia, como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, do Centro de Formação de Professores - CFP, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campus de Cajazeiras. A pesquisa tem como tema LEITURA E ESCRITA: os desafios vivenciados pelos professores no processo de formação de leitores.

Esta pesquisa ocorreu na Escola Estadual de Educação Infantil e Fundamental Venâncio Dias, em Monte Horebe, onde leciono desde fevereiro de 2006. A investigação de que trata esta monografia vem sendo desenvolvida no decorrer das disciplinas de Prática Docente nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental I, II e III e será concluída durante o Estágio Supervisionado em Docência, a mesma ocorre entre fevereiro de 2006 a abril de 2007.

O objetivo desse trabalho é desenvolver junto aos alunos, atividades que suscitem a descoberta do prazer da leitura e o despertar do senso crítico; bem como proporcionar ambiente adequado, onde a criança tenha oportunidade de desenvolver o prazer pela leitura; além de valorizar experiências e aprendizagens da criança, que possibilitem o interesse pela aquisição da leitura e da escrita. Para alcançar estes objetivos será necessário e indispensável proporcionar ao aluno situações reais e diversificadas de leitura, proporcionando-lhes aprendizagens que serão úteis na vida cotidiana, tanto na escola como fora dela.

Este estudo tem caráter exploratório¹ através do qual obterei dados elementares que me darão subsídios para delinear a pesquisa propriamente dita. Em seguida, realizarei uma pesquisa bibliográfica através da qual me fundamentarei teoricamente, ampliando os meus conhecimentos.

Por fim, realizarei uma intervenção na sala de aula onde atuo como docente efetivando uma

1- A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com o objetivo de esclarecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema.

(Gonçalves, 2001:65)

pesquisa-ação². Através da qual redimensionarei as minhas ações. Para tanto, será necessário fazer uso da observação e diagnose. Observar criteriosamente cada aluno e a mim mesma durante todo o processo de ensino-aprendizagem, registrando essas observações, análises e conclusões quanto ao sucesso/insucesso, identificando as dificuldades encontradas ao trabalhar a leitura.

Por isso, sinto a necessidade de fomentar o debate entre educadores a cerca das práticas pedagógicas em relação à leitura. Diante do exposto, esta monografia também servirá como um meio de socializar entre os educadores reflexões e informações sobre o processo de formação de leitores.

No intuito de contribuir para modificar esse quadro, ou seja, transformando-os em sujeitos conscientes e capazes em processo contínuo de aprendizagem mesmo fora da escola.

Entretanto, é mister ressaltar que este trabalho não vai resolver todos os problemas existentes no que se refere à leitura no Ensino Fundamental, não vai ser durante o período de Estágio Supervisionado que tudo vai se resolver definitivamente e com facilidade.

Diante de tantas dificuldades existentes no processo ensino e aprendizagem da leitura e da escrita senti a necessidade de refletir como ressignificar o processo do ensino da leitura.

Acredito que posso contribuir para a melhoria do processo ensino-aprendizagem no que concerne ao ato de leitura desenvolvendo postura docente e metodologias de ensino que propiciem aprendizagem significativa e desperte no educando o prazer de ler propiciando o gosto pela leitura, atitude que primórdia o intento desse estudo como tal projeto.

2- A pesquisa-ação além da participação do pesquisador pressupõe uma ação planejada que deverá realizar-se no decorrer da sua realização. Há por parte dos pesquisadores o interesse de não apenas verificar algo, mas de transformar. Nesse sentido, precisa haver uma interação entre investigadores e investigados. O processo de pesquisa é realizado com avaliações e discussões no grupo tanto para redirecionar os planos, quanto para partilhar o conhecimento entre os envolvidos.

Na busca de uma sociedade mais igualitária, mais justa e mais humana é preciso instrumentalizar as pessoas. Por isso, acredito que a escola é um lugar privilegiado para que aprendizagens sistemáticas e significativas ocorram transformando os sujeitos em leitores e escritores conscientes e capazes em processo contínuo de aprendizagem.

A leitura e a escrita desde a década de 80, no Ensino Fundamental é considerada o eixo da discussão do fracasso escolar no que se refere a evasão e repetência. Sabemos que esse fracasso é “inaceitável” e está relacionado à dificuldades que a escola tem de ensinar a ler e escrever.

A leitura tem sido basicamente objeto de ensino e para que possa constituir-se igualmente em objeto de aprendizagem é necessário que faça sentido para a criança, ou seja, a atividade de leitura deve corresponder aos objetivos de realização imediata da criança.

O que antes a preocupação apenas como ensinar e não como aprender, pesquisas recentes mostram que a aprendizagem ocorre a partir da assimilação de novos conhecimentos e de seu acréscimo aos conhecimentos que o indivíduo já possui. É na relação com o meio que o indivíduo constrói, reconstrói suas hipóteses sobre o mundo que o cerca.

A leitura pode ainda ser defendida como busca de significados. Portanto, não podemos restringir o ensino da leitura e da escrita a exercícios descontextualizados e que se voltam apenas para o uso da memória. É necessário que o aluno atue, reflita, compreenda o que esta lendo e escrevendo. Daí o interesse de interferir nesse processo de leitura e escrita.

Nos dias de hoje, em que as sociedades do mundo inteiro estão cada vez mais centradas na escrita, isto é, saber ler e escrever tem se tornado condição insuficiente para responder as demandas contemporâneas. As pesquisas mostram ainda que o trabalho com leitura deva ser o de formar leitores competentes, e para que isso aconteça é necessário compreender que a criança deve ter acesso ao texto para poder aprender a ler.

É em atos de leitura significativa que a criança aprenderá a ler. Entretanto, cabe ao professor deixar de ser um mero transmissor de conhecimento para ser o mediador, facilitador do conhecimento sendo sua tarefa primordial promover situações didáticas que instigue no aluno

os seus conhecimentos na promoção do seu desenvolvimento individual como leitor desde o início da sua escolarização.

É preciso fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano, apropriar-se da função social dessas práticas que se estende por todos os anos de escolaridade e, mais que isso, por toda sua vida. Em todas as áreas de conhecimento, em todas as disciplinas uma vez que escolarizar implica em dotar o aluno de habilidades (procedimentais, conceituais e atitudinais). Os alunos aprendem através das práticas da leitura e da escrita. Mesmo por que em cada área do conhecimento a escrita tem peculiaridades, que os professores que atuam, conhecem e dominam em cada área do conhecimento no mundo atual e a velocidade com que o estudo e aprendizagem devam ser fundamentais, a identificação de ferramentas de busca de informação de habilidades de usá-las através da leitura, de forma crítica, reflexiva e consciente.

É neste mundo letrado, globalizado de competitividade que se exigem cidadãos leitores, escritores, críticos, éticos, reflexivos e conscientes dos seus direitos. Neste sentido, indagamos qual a prática de ensino da escola no tocante à prática de leitura e escrita? Existe uma preocupação coletiva quanto a esta prática? Somos todos realmente conscientes e comprometidos com essa prática? O que a escola tem feito para promover o sucesso de quem não aprende a ler? Essas e outras perguntas temos como pretensão refletir mais profundamente nesta monografia. E dessa forma, a contribuição social desse trabalho dá-se no sentido de proporcionar maior aprofundamento e reflexões em torno da prática pedagógica do professor na escola, principalmente a minha ação como docente no Ensino Fundamental.

Esta monografia se dividirá em três capítulos, a saber: No primeiro capítulo, trataremos da leitura e realidade brasileira onde faremos um resgate histórico do processo educacional brasileiro, pois é preciso conhecer os fatos históricos para que possamos compreender a realidade atual. Também será abordado o embasamento teórico sobre a temática em questão, reunindo orientações de autores renomados dos quais podemos destacar: Bagno, Cagliari, Dias, Ferreira & Teberosky, Freire, Jolibert e Martins entre outros. Cada autor contribui de forma significativa na fundamentação e relevância desse trabalho. O segundo capítulo, trata das concepções e práticas docentes referentes ao processo de leitura e escrita onde procuramos enfatizar a importância da leitura na formação crítica. E, finalmente no terceiro capítulo, trataremos da análise das práticas pedagógicas em relação à leitura na qual será

relatada e socializada entre os educadores o que mudou ou mudará no processo de formação de leitores a partir da realização desse trabalho.

1. O desenvolvimento da Linguagem e a aprendizagem da leitura e da escrita

*Ninguém pode estar no mundo,
com o mundo
e com os outros de forma neutra.
(Paulo Freire)*

Antes de aprender a se comunicar através da escrita, o ser humano já tem manifesto a sua realidade. A exploração oral se inicia com a convivência no grupo familiar e social, entretanto, cabe à escola desenvolvê-la ainda mais. Esse processo de ensino-aprendizagem deverá ser desenvolvida a partir da expressão oral.

Ao tomarmos conhecimento de como ocorre o desenvolvimento da expressão oral (e ou fala) percebemos que no decorrer da vida, o ser humano ultrapassa várias formas de manifestação oral para se comunicar com o outro. E a partir daí a criança conquista o poder de se expressar e suas necessidades se voltam para compreender o funcionamento da própria língua. Ou seja, atinge a sua consciência metalingüística, (a sua capacidade de pensar, raciocinar, refletir, decidir, analisar e compreender o funcionamento da língua, suas definições, suas regras, seus conceitos e aplicações).

Agora, “cabe à escola o papel de intensificar a experiência da criança com estímulos apropriados, dar oportunidades reais de aprendizagem, ampliar os recursos lingüísticos”. (Para superar os obstáculos na busca do sucesso em todas as etapas) com o objetivo de desenvolver a sua oralidade e saber lidar com ela nas mais diversas situações (competência comunicativa).

Essa competência deve ser desenvolvida desde a Educação Infantil e não deve parar no Ensino Fundamental ou Médio, pois a cada nível ou modalidade as atividades de comunicação ficam mais complexas e exigem mais e mais dos falantes. Articulando essa oralidade com os processos de leitura e de escrita mais significativas sendo, pois, a oralidade a principal forma de acesso tanto à leitura quanto à escrita.

1.1 Leitura e realidade brasileira: um breve histórico

Podemos constatar que o nosso sistema de ensino, desde o período da colonização, vivenciou modos diferentes de conceber a educação. A educação formal atendia aos filhos da elite, enquanto que aos menos favorecidos socialmente destinava-se os rudimentos do ler e escrever, ou seja, uma educação elementar.

Por viverem no modelo agrário de economia, não havia necessidade das classes menos favorecidas serem atendidas com uma educação formal. Para eles destinava-se o trabalho braçal, que exigia apenas esforços físicos.

Desde o período do império que a educação foi apropriada pelo grupo dominante para benefício próprio, mantendo seu poder e sua ideologia, demonstrando total desinteresse pela educação escolar, permitindo que uma minoria exercesse poder sobre a maioria. Como afirma MARTINS: “cabendo a essa maioria o ‘direito’ de dar sentido ao mundo, enquanto que aos demais resta a submissão aos ditames dos que ‘sabem das coisas’” (1994, p. 24)”.

Realidade esta que não difere muito dos tempos atuais, já que o nosso país é formado por graves desníveis sociais, pela situação de pobreza de uma grande maioria da população e por uma estrutura política pouco democrática, estando o analfabetismo diretamente associado às várias formas de exclusão.

Faz-se necessário conhecermos a História do sistema educacional brasileiro para podermos compreender determinados fatos e a realidade que vivenciamos. Assim, para entendermos o presente, precisamos conhecer o passado, podendo, a partir deste, intervir no futuro.

Como diz Jorge Larrosa

Trata-se pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma ou nos transforma), como algo que nos constitui ou nos propõe em questão naquilo que somos. A leitura, portanto não é só um pensamento, (...) e não se reduz, tampouco, a um meio para se adquirir conhecimentos. (1996:16)

Sendo que, esse processo de leitura ocorre em uma das etapas da vida de forma articulada, interdependente e seqüencial com outras etapas da vida, que vão da aquisição de significado social a expressão da palavra impressa.

Assim, as crianças inicialmente compreendem a oralidade e se expressão (oralmente), depois compreendem a palavra impressa (leitura) para depois expressarem-se através dela (escrita).

Essa afirmação contradiz o que realmente acontece com nossos alunos em nossas escolas, que têm se preocupado mais com o processo da escrita, dissociado dos processos da oralidade e da compreensão da leitura (palavra impressa) e conseqüentemente os alunos limitam-se a reproduções insignificantes.

Uma vez que, ler é atribuir diretamente um sentido a algo escrito, questionando esse escrito a partir de uma necessidade e/ou expectativas reais de situações de vida (diferentes das simulações escolares).

Aprender a ler, significa dominar progressivamente textos cada vez mais complexos captando o seu significado, no entanto, percebe-se que a aprendizagem da leitura não termina com a decodificação de sinais / signos da língua, mas, é a partir daí que se inicia uma nova etapa no desenvolvimento do processo de leitura que deverá prolongar-se de forma teórica e sistemática, para todos os anos de escolaridade, e de forma cada vez mais prazerosa, por toda a vida do aluno. Para MARTINS (1994:25): A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo. Todavia, os próprios educadores constataam sua impotência diante do que denominam a “crise da leitura”.

É por isso que ler é talvez a coisa mais importante que a escola tem a ensinar, e não só aos alunos. Infelizmente, porém muitos professores brasileiros não sabem como “embarcar” nessa expedição como mostra os dados estatísticos na Nova Escola (agosto, 2006:31) dos brasileiros de 15 a 64 anos...

- 61% têm muito pouco ou nenhum contato com os livros;
- 47% possuem no máximo 10 livros em casa;
- 30% localizam informações simples em uma frase;
- 37% localizam informações em um texto curto;
- 25% estabelecem relações entre textos longos

E ainda podemos perceber a deficiência na leitura ao observarmos os dados estatísticos de quantos livros uma pessoa lê por ano... Na França 7 e no Brasil 1,8.

Precisamos ter consciência das mudanças ocorridas no mundo, frente a contemporaneidade. As condições de vida da sociedade tecnológica atual requerem outro tipo de homem, com outra formação para atender as exigências do mercado, acompanhando o processo de produção, adequando-se à vida de um país capitalista que visa o lucro imediato.

Por ser a leitura uma prática milenar e universal, todos lemos a nós mesmos e ao mundo que está em nosso redor. Como resultado dessa leitura, descobrimos o que somos e onde estamos e “certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto” (MARTINS, 1991:p.15). No entanto, a revista Nova Escola (out. 2006:p.40,41) trata dentro da Política Educacional: o desafio da qualidade da educação em que o Brasil está vivendo neste momento*.

Não dá mais para esperar “ou o Brasil coloca a educação no topo das prioridades ou estará condenado ao subdesenvolvimento”. O quadro da educação brasileira (sobretudo a pública) está cada vez mais desanimador, entre eles podemos destacar: crianças que não sabem ler nem escrever; famílias desinteressadas; qualidade que deixa a desejar; professores que fingem que ensinam e alunos que fingem que aprendem. E hoje cada vez mais gente está percebendo isso e se mobilizando para mudar essa situação dramática como empresários e líderes políticos lançando um compromisso “Todos pela educação”, com metas a serem atingidas até 2022. Ninguém mais quer um país com taxa tão baixa de escolaridade de 4,9 anos na escola e sem sequer aprender as competências básicas; 74% dos brasileiros são analfabetos funcionais (de quatro pessoas apenas um compreende um texto minimamente completo).

Hoje com a globalização econômica, não dá mais para viver sem dominar essas competências básicas. Sendo que do ponto de vista social a educação também é a única saída para reduzir as desigualdades.

No entanto, o Brasil conseguiu matricular 97% de jovens de 7 a 14 anos, só que os 3% que estão fora da escola correspondem a 1,5 milhões de pessoas das camadas mais pobres, mantendo assim o modelo dos anos 60 que não garante a qualidade, pois é passada apenas para a elite.

Portanto, mudar essa situação caótica é uma decisão de todos os cidadãos e não depende só de empresários, dirigentes políticos, mas de diretores de escolas, pais e professores tendo em vista a diversidade dos problemas da educação como mostra a Nova Escola (outubro, 2006:40-41) exclusão: 3% corresponde a 1,5 milhões de crianças fora da escola; 97% de crianças brasileiras de 7 a 14 anos estão na escola; evasão e repetência: de 100 alunos que entram na 1ª série, só 47 concluem a 8ª série na idade certa; 14 terminam o Ensino Médio sem repetir ou evadir e apenas 11 conseguem ingressar no Ensino Superior.

Toda essa problemática proporcionará uma visão mais ampla, a cerca da leitura, levando-nos a discutir e refletir teoria/prática enquanto formadores de leitores. Haja visto, os problemas enfrentados por se viver em um país rico, porém com tantas desigualdades. Problemas esses que se tornam mais agravantes por termos consciência do por quê eles acontecem, já que vivemos em um país aonde o índice de analfabetos chega a ser alarmante. Segundo Browne (1995:51)

As crianças que nascem em ambientes letrados, cedo desenvolvem um interesse lúdico com relação às atividades de leitura e escrita que os adultos praticam a seu redor. Esse interesse será viável em função da qualidade, da freqüência e do valor que possam ter essa atividade para os adultos que convivem mais diretamente com elas.

Conseqüentemente, percebe-se que há uma diferença acentuada em relação a uma criança de classe social menos favorecida, onde seu mundo de leitura restringe-se unicamente ao ambiente escolar o qual se torna factado na maioria sem continuidade.

Enquanto a escrita é o meio de exteriorizar o pensamento, assimilação de conhecimentos, nos permitindo interiorizá-los, gerando a reflexão. Dentro desta ótica, as escolas que não lêem para seus alunos e não lhes permitem fazer suas próprias leituras, conseqüentemente estarão fadados ao insucesso, pois nega o que é fundamental para sua formação. Propiciando conseqüentemente não só o fracasso escolar, como também, enquanto ser humano, integrantes de uma sociedade que requer pessoas cada vez mais capacitadas, conscientes e reflexivas, atendendo as exigências da sociedade do conhecimento.

Assim, a principal atividade desenvolvida pela escola na formação do aluno, é a leitura, portanto, o ato de ler se sobrepõe ao ato de escrever. Segundo Martins (1994:23) “Ler

significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ler pelos olhos de outrem”.

Diante disso, a formação do bom leitor é o melhor que a escola pode oferecer, proporcionando ao indivíduo melhores condições de sobressair-se no seu convívio social. Pois, à medida que compreendemos o meio em que vivemos, nos é permitido fazer uma leitura desse meio, podendo agir sobre ele. Sendo assim, aqueles que não tiveram uma boa formação leitora acabam tendo menos chance no futuro. Nessa perspectiva, não será apenas o diploma que resolverá os nossos problemas, como também a nossa formação leitora.

Nesse sentido, CAGLIARI (1991:148) evidencia que: “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas (...) A leitura é a herança maior do que qualquer diploma...”.

Podemos constatar que muitos problemas enfrentados por alunos ao longo de sua formação são decorrentes da deficiência de leitura.

Embora saibamos que um dos principais objetivos da escola seja desenvolver o hábito prazeroso da leitura, ainda nos deparamos com um número alarmante de crianças que não lêem. E, apesar de tamanho enfoque dado a importância da leitura, não entendemos porque ainda vivenciamos os altos índices de analfabetismo, nos quais a realidade apresentada mostra-nos crianças chegando às quartas séries do Ensino Fundamental como analfabetos funcionais. Assim, nos questionamos como essas crianças foram trabalhadas nas séries iniciais (alfabetização) e como vivenciaram o processo de leitura e escrita.

Transformar essa realidade vivenciada é de fato um desafio complexo, pois requer políticas educacionais verdadeiramente comprometidas com uma educação crítica, voltada para a formação do cidadão consciente de seus direitos e deveres, objetivando obter mudanças que nos leva a uma sociedade mais justa, igualitária e mais humana compreendendo o acesso a cultura letrada como algo que possibilitará uma participação ativa no campo de trabalho da política e da cultura, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Entretanto, cabe ao professor deixar de ser um mero transmissor de conhecimento para ser o mediador, facilitador do conhecimento sendo sua tarefa primordial promover situações didáticas que instigue no aluno os seus conhecimentos na promoção do seu desenvolvimento individual como leitor desde o início da sua escolarização.

É preciso fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano, apropriar-se da função social dessas práticas que se estende por todos os anos de escolaridade e, mais que isso, por toda sua vida. Em todas as áreas de conhecimento, em todas as disciplinas uma vez que escolarizar implica em dotar o aluno de habilidades (procedimentos, conceituais e atitudinais). Os alunos aprendem através das práticas da leitura e da escrita. Mesmo por que em cada área do conhecimento a escrita tem peculiaridades, que os professores que atuam e que conhecem e dominam em cada área do conhecimento no mundo atual e a velocidade com que o estudo e aprendizagem devam ser fundamental, a identificação de ferramentas de busca de informação e habilidades de usá-las através da leitura, de forma crítica, reflexiva e consciente.

1.2 leitura: da necessidade a compreensão do mundo.

Somos conhecedores do quanto à leitura é importante para o processo de desenvolvimento e aprendizagem. Vários são os estudos realizados sobre a questão da importância da leitura. Entendida esta, como uma prática de liberdade e prazer que favoreça o desenvolvimento cognitivo da criança. Uma leitura tão defendida por Freire (2001: 20) quando diz

(...) A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela... Este movimento do mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que deles fazemos.

Compreendido como uma forma de comunicação entre os seres humanos, a leitura não é algo meramente transferido do adulto para a criança, e sim um processo articulado, independente e seqüencial. Essa leitura flui naturalmente, mesmo sem termos conhecimento dos códigos escritos. É, portanto, um processo contínuo e evolutivo que se relaciona com o próprio fato de estarmos no mundo. Assim, a leitura constitui-se em um precioso instrumento no processo de produção do conhecimento, por possibilitar o contato do leitor com diferentes formas de vivenciar e compreender o mundo. Diante de tudo isso, podemos depreender que,

As pessoas que não lêem são pessoas vazias ou subnutridas de conhecimento. É claro que a experiência da vida não se reduz à leitura. A vida como tal é a grande mestra. Algumas pessoas analfabetas conseguem às vezes se sair bem economicamente, mas nem por isso deixam de ser pessoas vazias. Tem a riqueza externa. Sabem se virar na sociedade, mas são pobres culturalmente, porque só a experiência da vida, por mais rica que possa ser, não é suficiente para fornecer uma cultura sólida e geral (CAGLIARI, 1990: 50).

Considero que embora, preconceituosa essa visão é bastante verdadeira para a ideologia dominante das sociedades modernas.

Tendo em vista de que a leitura está intrinsecamente vinculada à nossa forma de ver o mundo, desde a nossa concepção até o nosso último minuto de vida, estando presente em nossa convivência diária. Com os outros fazemos a leitura do mundo, aprendemos o seu significado ao desvelar nossos conhecimentos.

É preciso termos uma visão crítica do mundo e a compreender a realidade vivenciada para podermos transformá-la, já que devido as grandes desigualdades sociais e econômicas, a leitura e a escrita se torna um instrumento de dominação e alienação para a grande maioria. Como afirma Freire (1987) “para pensar certo, descobrindo a razão de ser dos fatos e aprofundar os conhecimentos que a prática nos dá, não são privilégios de uma maioria, mais um direito que o povo tem”.

Sabemos do quanto à leitura e a escrita é importante no processo de desenvolvimento do indivíduo e na aprendizagem da linguagem, seja ela materna ou não. É através do processo de leitura e escrita que o indivíduo se relaciona com o mundo, como nos afirma Martins,

(...) Daí a valorização do saber ler e escrever, já que se trata de um signo arbitrário, não disponível na natureza, criado como instrumento de comunicação, registro das relações humanas; transformando com frequência em instrumento de poder pelos dominadores, mas que pode também vir a ser a libertação dos dominados. (1994:19)

É sabido, que um dos objetivos básicos da educação na sociedade pós-moderna diz respeito ao desenvolvimento da autonomia e da criticidade dos educandos, como agentes ativos do processo de construção do conhecimento. E, que diante dos variados estudos indagando a relevância da leitura para a formação do cidadão consciente, crítico e reflexivo, ainda nos deparamos com práticas de leitura que favorecem apenas a aquisição mecânica de decodificação, em que o aluno aprende a ler, mas não se torna leitor.

Devemos considerar que ler não é apenas decodificar palavras, mas converter-se num processo compreensivo que deve chegar às idéias centrais, às inferências, à descoberta dos pormenores, às conclusões.

Por ser a leitura um processo de compreensão, a sua aprendizagem dá-se ao longo de toda a vida, dentro de contextos diversificados com objetivos diferenciados que podem ser influenciados pelos meios culturais e pelas diversas situações educativas.

1.3 O tratamento da leitura nas salas de alfabetização

O fracasso escolar marcado pelo aumento do acesso das crianças à educação gerou a necessidade de mudanças radicais, ocasionando uma procura aos culpados (alunos, professores, escola, etc.), proporcionando uma revolução conceitual a respeito da alfabetização.

FERREIRO (1999) nos propõe uma discussão sobre a prática escolar no que diz respeito à alfabetização. Tradicionalmente nos questionávamos sobre como ensinar a ler e escrever, acreditando que o processo de alfabetização limitava-se à sala de aula e que a utilização de métodos adequados garantiria ao educador a manutenção do controle do processo de alfabetização. Se antes o foco era o “como ensinar”, agora o foco passa a ser o “como se aprende”.

Tudo isso muda radicalmente o papel dos envolvidos no processo educativo, bem como na própria estrutura escolar, com o intuito de propiciar um rompimento do círculo vicioso da reprodução do analfabetismo.

As investigações sobre a psicogênese da escrita na criança nos permitem compreender o processo de alfabetização partindo da percepção da própria criança.

Cotidianamente a criança vivencia o uso da leitura e da escrita, dentro dos mais variados contextos letrados, como sendo objeto social e cultural, não como um conhecimento elaborado nas hipóteses sobre o uso das mesmas. Uma vez que o conhecimento elaborado deverá ser propiciado pela escola, desde os primeiros anos de escolaridade da criança.

A maioria das escolas afasta das salas de pré-escola o ato de ler e escrever restringindo-se só ao desenhar e pintar. A criança que no seu meio social vive em um ambiente letrado acaba por ter isso castrado ao chegar na sala de aula. DIAS (2001:50) afirma que: "... quanto mais à criança partilhar de atos de leitura e de atos de escrita, mais fácil será para ela interpretar a aprendizagem da leitura e da escrita como uma extensão..."

É por meio de suas produções espontâneas, consideradas pelos adultos como simples "garatujas", que a criança está fazendo explorações. Tal procedimento possibilitará a compreensão do sistema de construção da leitura e da escrita, elaborando hipóteses e construindo seus próprios conhecimentos que diferem daqueles que são tidos como socialmente válidos.

Dentro ou fora do espaço escolar, a criança recebe informações. A diferença consiste no meio social em que esta vive, já que as informações são variadas e estão dentro de um contexto social de uso. E é neste contexto que a criança dá início a sua aprendizagem. Na escola, estas informações são restritas e descontextualizadas, ao contrário do que acontece fora de seus muros, onde a criança é livre para criar seus textos sem padrões a seguir, visto que em seu interior isso não é possível, pois a ela só é permitido copiar e jamais produzir.

Uma criança pode até conhecer as letras sem necessariamente compreender o sistema de escrita. Uma vez que a escola só considera e possibilita o saber sistematizado, institucionalmente determinado, enfocando apenas os aspectos gráficos, desconsiderando o construtivo.

Não será o adulto que determinará o momento certo da criança aprender, nem tão pouco o que é fácil ou difícil. É o próprio aprendiz que dirá isso. Uma vez que, o ato de ler se refere tanto ao ato escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano.

É notório que alguns conhecimentos específicos sobre a linguagem escrita só podem ser adquiridos por meio de outros informantes, não significando que a criança seja obrigada a chegar a escola já alfabetizada. É a escola que tem a responsabilidade social de alfabetizá-la, considerando que a criança já possui um leque de conhecimentos adquiridos no seu meio social e familiar, tendo à escola a função de aprimorar e sistematizar esses conhecimentos.

Se pensarmos que a criança aprende só quando é submetida a um ensino sistematizado, e que sua ignorância esta garantida até que receba tal tipo de ensino, nada poderemos enxergar. Mas se pensarmos que as crianças são seres que ignoram que devem pedir permissão para começar a aprender, talvez comecemos a aceitar que podem saber (...), saber algo a respeito de certo objeto não quer dizer necessariamente saber algo socialmente aceito como conhecimento (FERREIRO, 1995: 17).

Como visto a aprendizagem da leitura não ocorre somente na escola com o ensino sistematizado, nem a criança pode ser considerada como uma tábua rasa, desprovida de qualquer conhecimento, passiva à aprendizagem. Precisa-se considerar, porém, alguns fatores que influenciam na aprendizagem das crianças antes de rotulá-las como fracassadas, como o ambiente em que a criança está inserida, a procedência social.

Dentro desta ótica, as crianças do meio urbano vivenciam com mais intensidade o uso da leitura e da escrita, enquanto que na zona rural essa convivência passa a ser restrita ou muitas vezes inexistentes. Nesta perspectiva, é visível que as crianças da zona rural apresentarão dificuldades ao tentarem diferenciar atividades de ler e escrever, tendo a escrita lugar privilegiado por produzir resultados observáveis, palpáveis, que deixam marcas. Enquanto o ato da leitura não se dá de forma imediata, nem tão pouco deixa marcas no papel para serem observadas ou comparadas.

Não são os fatores meramente cognitivos que marcam as diferenças existentes entre crianças de grupos sociais diferentes. O próprio meio no qual elas se inserem contribui para o seu raciocínio, pois ao conviver com esse ambiente 'letrado', terá a criança oportunidade de agir ativamente nesse processo, permitindo-lhes observar e descobrir o mundo letrado, havendo assim uma interação com os outros e consigo mesma. Essa ação lhe permitirá a percepção de regras de ações que são socialmente estabelecidas.

Desde os tempos do Brasil Colônia, e até recentemente, o problema que enfrentávamos em relação à cultura escrita era o analfabetismo. Assim, a palavra de ordem era alfabetizar. Esse problema foi, nas últimas décadas, relativamente superado. Mas, a preocupação com o letramento passou a ter grande presença na escola, (mesmo sem este termo) traduzido em ações pedagógicas de reorganização do ensino e reformulação dos modos de ensinar. Os sistemas de ensino passam a reconhecer que alfabetização entendida apenas como a aprendizagem mecânica do ato de ler e do escrever é insuficiente. Além de aprender a ler e a

escrever deve ser proporcionado à criança o domínio das práticas sociais de leitura e de escrita.

Para atender as necessidades sociais e políticas, o conceito de alfabetização foi sendo ampliado ao longo do século passado, a ponto de já não considerar alfabetizado aquele que apenas domina a habilidade de codificação e decodificação, mas aquele que sabe usar a leitura e a escrita para exercer uma prática social em que a escrita necessita.

No entanto, no Brasil, quase um terço da população possui baixos níveis de letramento. Entre os jovens e adultos, com mais de 15 anos, cerca de 13% são analfabetos. Ainda que um terço deles já tenha passado pelo Ensino Fundamental. Entre as crianças mais da metade das que chegam à 4ª série não apresenta rendimento adequado em leitura. Quase 30% dessas crianças não sabem ler. Esses dados nos levam a refletir: O que acontece com o nosso país? O que acontece em nossas escolas? Por que parte significativa das nossas crianças não se alfabetiza? Segundo Magda Soares¹:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividade de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonemas/grafemas, isto é, em dependência da alfabetização.

In (Práticas de Leitura e Escrita 2006:13)

Sendo analfabetismo o estado de quem não sabe ler e escrever; Alfabetismo ou letramento, é o estado de quem sabe ler e escrever. Ou seja, letramento é o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive.

1- SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas, 26ª Reunião Anual da Anped.

A alfabetização é um componente do letramento. Se alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita. Assim, podemos dizer que uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever; e uma criança letrada é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e de escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias.

Alfabetizar letrando é, portanto orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos.

Pode-se dizer que o processo de letramento começa bem antes de seu processo de alfabetização. A criança começa a “letrar-se” a partir do momento em que nasce em uma sociedade letrada rodeada de material escrito e de pessoas que usam a leitura e a escrita. Isto acontece tanto com as crianças das camadas favorecidas como as crianças das camadas populares, visto que a escrita está presente no contexto de ambas, desde cedo, vão conhecendo e reconhecendo prática de leitura e de escrita. O processo de letramento se estende por todos os anos de escolaridade e, mais que isso, por toda a vida. Em todas as áreas de conhecimento, em todas as disciplinas, os alunos aprendem através de práticas de leitura e de escrita.

Assim, a escola e os educadores precisam oferecer condições para que essas crenças sejam no mínimo amenizadas e/ou superadas. Tendo desde a pré-escola a possibilidade de conviver em um ambiente letrado.

Por termos que conviver nos dias de hoje, em que as sociedades do mundo inteiro estão cada vez mais centradas na escrita, ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever tem se revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas contemporâneas. É preciso ir além da simples aquisição do código escrito, é preciso fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano, apropriar-se da função social dessas duas práticas; é preciso letrar-se.

Sendo, letramento o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive. Esse processo se estende por todos os anos de escolaridade e, mais que isso, por toda a vida.

1.4 Leitura: transcrição ou construção?

Intensificam-se as discussões sobre a leitura e a escrita, uma vez que o ensino em geral é concebido nos limites da transmissão dos conhecimentos contidos nos livros didáticos, e embora ensine a ler e a escrever, não habilita os indivíduos a fazer uso da leitura e da escrita, nem desenvolve habilidades de uso social, impossibilitando a compreensão crítica e reflexiva dos fatos que viabilizam a formação de um verdadeiro leitor.

Conforme concebe MARTINS (1994:25-26):

Como, principalmente no contexto brasileiro, a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever, muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros, estes passa a ser identificados como manuais escolares (...), na verdade resultam em manuais da ignorância; mas inibem do que incentivam o gosto de ler. Geralmente transmitindo uma visão de mundo anacrônica, repressiva, tais livros estão repletos de falsas verdades, a serviço de ideologias autoritárias, mesmo quando mascarados por recursos formais ou temáticos atuais e não conservadores.

Sob essa ótica, a aprendizagem da leitura, tradicionalmente restrita a mera aquisição e decodificação do código lingüístico, com conteúdos fragmentados, pouco ou nada contribuem para a nossa formação leitora. Em geral não prepara para pensar e solucionar os problemas com os quais nos deparamos cotidianamente enquanto cidadãos e seres sociais, privando os nossos alunos da formação de uma consciência crítica de uma compreensão mais real do mundo em que vivemos.

A escrita concebida com uma transcrição dá ênfase apenas aos aspectos auditivos e visuais. Os encaminhamentos da leitura e a escrita que derivam desta concepção, acabam centrando esses processos como uma atividade mecânica. Dentro dessa missão, não deveria existir dificuldade para aprender a ler e escrever já que se trata de uma simples transcrição do sonoro para um código visual.

Diferentemente quando no processo de construção da escrita um sistema de representação, a ser compreendido e não apenas a aquisição de uma técnica.

A criança não precisa receber autorização para começar a aprender nem essa aprendizagem ocorre apenas para meio de ensino sistemático e seqüencial, uma vez que o processo de aquisição da escrita precede e excede os limites escolares. Segundo Ferreira, (...) A escrita

não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade (...) A criança consegue interpretar e produzir escritas muito antes de chegar a escrever ou ler (1995:43-44).

Nessa perspectiva, ler e escrever não são meras técnicas das quais nos apropriamos para simples reprodução do que se ouve ou se vê.

Vivenciamos na vida etapas que nos levam a compreensão do processo de aquisição da leitura e da escrita. A convivência com os adultos proporciona à criança a prender e conhecer os objetos que estão em sua volta, assimilando suas funções, seu significado. Compreendendo as palavras a serem usadas e a que eles se referem.

As observações e análises feitas sobre esses objetos permitem à criança chegar a uma compreensão, percebendo suas funções, seu objetivo. Ocorrendo, portanto, uma leitura significativa e real.

Esse mesmo processo ocorre com a escrita e com a leitura, o ser humano precisa ultrapassar etapas diferenciadas e seqüenciadas, percebendo os níveis de evolução de linguagem e etapas necessárias, pois só é possível escrever se tivermos conhecimentos prévios acerca do que vai ser escrito.

O ato de ler é em si um complexo, no qual vários aspectos devem ser considerados, pois varia de leitor para leitor, depende do objetivo da leitura e o olhar a que ela se remete, bem como o contexto vivenciado.

DIAS (2001) afirma que o desenvolvimento do processo de compreensão ocorre anteriores ao da expressão. "... Primeiro a criança aprende a ler para depois aprender a escrever...".

Isso traz sérias conseqüências à aprendizagem dos alunos, visto que as escolas se preocupam mais com a escrita, gerando uma dicotomia entre o ler e o escrever, como se fossem processos dissociados.

Centrado na ótica do adulto, a escola desconsidera todo o percurso realizado pela criança para chegar ao ato de escrever. Dissocia-se o desenvolvimento da oralidade e da compreensão da

palavra expressa. Tendo como consequência um ensino descontextualizado, que pouco ou nada contribui para a formação de um bom leitor.

Para DIAS (2001:42), [...] Ler é atribuir diferentemente (ou seja, sem intermediários) um sentido a algo escrito, um texto, questionando esse escrito a partir de uma necessidade e/ou expectativas reais de situações de vida (que são diferentes das situações escolares).

Essa leitura flui naturalmente mesmo sem termos conhecimento dos códigos escritos, desenvolvendo assim hipóteses sobre o seu significado, atribuindo-lhes uma função real de uso, ou seja, algo que não ocorre de modo descontextualizado.

2. Concepções e práticas docentes referentes ao processo de leitura e escrita

*Como professor não me é possível ajudar o educando
a superar sua ignorância se não supero
permanentemente a minha.
(Paulo Freire)*

As crianças e os adultos comunicam-se por meio da linguagem. O uso eficaz dessa linguagem deve atender as necessidades pessoais, determinadas de acordo com as demandas sociais de cada momento histórico. No entanto, cabe a escola como espaço institucional de acesso ao conhecimento, à obrigação legal de atender a essa demanda, ou seja, a constituição de práticas que possibilitem ao aluno aprender linguagem a partir da diversidade de textos que circulem socialmente. Sendo a língua um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. É preciso aprender não só palavras, mas seus significados culturais e, com eles os modos pelos quais as pessoas do meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesma.

As práticas de linguagem que ocorrem no espaço escolar diferem das demais, porque promovem a reflexão e é através dela que dá a construção de instrumentos que permitirão ao sujeito o desenvolvimento da competência discursiva para falar, escutar, ler e escrever nas diversas situações e interação. E para isso é necessário disponibilizar tempo para informações sobre a língua e para a reflexão a respeito do sistema de escrita. Por ser a leitura e a escrita os instrumentos básicos para o ingresso e a participação na sociedade letrada em que vivemos, são ferramentas para a compreensão da sociedade e para a comunicação, enfim a chave dos

saberes já conquistados pela humanidade. Cabe, portanto, a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, como também ensinar a produzi-los e a interpretá-los em todas as disciplinas. Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso uma organização nas práticas educativas para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente que os alunos não têm contato sistemático com materiais de leitura, com adultos leitores e não participam de práticas de leitura onde ler é indispensável. Essa pode ser a única oportunidade para que esses alunos possam interagir significativamente com os textos do mundo.

2.1 Os tipos de leitura

Entendendo que a língua deve ser trabalhada sempre em situações de uso real, faz-se necessário utilizar-se de diferentes tipos de textos, porque eles estão presentes em nossas vidas e cumprem diversas funções (como: divertir, informar, anunciar, convencer, comunicar, persuadir entre outros).

Esses textos possuem variações de tipo e funções de acordo com situações específicas de interlocução, por isso é importante considerar suas especificidades e características específicas, tendo como ponto de referência suas condições de produção, seu uso social e seu funcionamento.

Existem múltiplas tipologias textuais e o que as caracteriza não é precisamente consensual. Por isso é interessante que os alunos leiam diferentes tipos de textos na escola, que conheçam e se acostumem com diversas super estruturas. Para um leitor o simples fato de saber que vai ler, o faz ficar alerta, faz esperar determinados conteúdos e não outros, lhe permite atualizar certas estratégias e preparar para uma leitura mais ágil e produtiva e para uma melhor compreensão. Eis algumas classificações: Narrativo – É um texto que pressupõe um desenvolvimento cronológico e que aspira explicar alguns acontecimentos em uma determinada ordem (conto, lenda, romance...); Descritivo – Sua intenção é descrever um objeto, um fenômeno mediante comparações e outras técnicas (dicionários, guias turísticos, inventários...); Explicativos – Está relacionado à análise e síntese de representações conceituais, ele explica determinados fenômenos ou proporciona informações sobre estes; Instrutivo-indutivo – Agrupa nesta categoria os textos cuja pretensão é a de induzir a ação do leitor, palavras de ordem.

Não se trata de ensinar o tipo de texto, o importante é que professores e alunos saibam como reconhecê-los, pois sua estrutura oferece indicadores essenciais que permitem antecipar a informação que contém e que facilitam sua interpretação.

Deve-se ensinar o que caracteriza cada um dos textos, mostrar as pistas que nos conduzem a sua melhor compreensão e fazer com que o leitor adquira consciência para formar um significado e interpretá-lo. Fomentar as estratégias de escrita na redação de diferentes textos é sem dúvida, uma das melhores formas de contribuir com esse objetivo.

Por isso, a escola não deve apropriar-se de nenhuma tipologia em particular, mas lembrar que estes textos existem e devem ser trabalhados que se trata de aprender a ler e de ler para aprender. Pois a diversificação dos tipos de escrita quando se aprende a ler e a escrever, e quando a leitura e a escrita são utilizados como meio para a aprendizagem, não é uma questão de “progresso”, mas um realismo pedagógico e adequação dos meios disponíveis para os alunos alcançarem os objetivos previstos.

Tendo em vista que, os portadores sociais de textos constituem um excelente material para a aprendizagem da oralidade, da leitura e da escrita. Existem cotidianamente na vida de cada aluno. Cada portador de texto possui uma mensagem diferente, por isso tem estilo diferente, estrutura diferenciada e função diversificada. Utilizá-los em sala de aula significa poder articular os conteúdos a serem estudados sistematicamente com a vida do aluno fora dos muros escolares. Obviamente, a medida que o aluno se torna um produtor de mensagens e não apenas um receptor passivo, ele passa a compreender muito mais esse material e até mesmo passar a ler esse material com outros olhos, interpretando-o de diferentes formas.

Além, dos portadores de textos nos permitirem a intertextualidade nas atividades de oralidade, leitura e escrita, onde um texto faz referência a outros textos comentados, lidos e ou escritos. Levando em consideração de que nós professores e alunos fazemos uso da língua de acordo com as nossas necessidades reais de comunicação e de interação com outras pessoas de forma presencial ou a distância devemos saber qual o tipo de comunicação, pois cada um tem uma finalidade, uma forma e, portanto, outras características.

Dáí a importância de trabalhar com os demais portadores de textos sem nos fixarmos em nenhum, já que o aluno terá um leque muito maior de informações e opções para dirigir-se no seu processo de escolarização e de inclusão na sociedade.

2.2 As estratégias de leitura utilizadas em sala de aula

Atualmente, exigem-se níveis de leitura e escrita diferentes e muito superiores aos que satisfazem as demandas sociais até bem pouco tempo atrás. Por isso a escola deve viabilizar o acesso do aluno ao universo de textos que circulam socialmente, ensinar a analisá-los, a sintetizá-los, a produzi-los e interpretá-los.

Ler é um processo complexo que envolve uma interação entre leitor e autor, via texto. É, portanto, um tipo de conversa muito diferente de quando os interlocutores estão frente a frente.

Nas trocas orais, vários tipos de pistas compreendem melhor o que foi dito. Primeiro leva-se em conta que a relação das pessoas que falam, de quem falam, para que, em que lugar e circunstâncias.

A primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura seja o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes.

Uma segunda justificativa que os distingamos são as diferentes expectativas que diferentes textos despertam no leitor.

Isso quer dizer que a leitura requer um leitor ativo que compreenda o texto e reflita sobre ele. Muitos são os objetivos e as finalidades da leitura, (devanear, preencher os momentos de lazer, procurar informações).

Leitores com finalidades diferentes podem extrair informações distintas do mesmo texto; por essa razão é importante explicar os objetivos da leitura, quando se trata de ensinar a ler (sistematizar).

Na leitura, embora de forma menos consciente, um leitor experiente age de forma semelhante. Diante de um texto, praticamos uma série de ações mentais, muitas vezes inconscientemente que nos ajudam a fazer uma leitura compreensiva. Entre elas a: Ativação do conhecimento prévio, que consiste em reconstruir a situação de produção, buscando informações (sobre o que diz, para quem, sobre o que) baseando-se em experiências; A antecipação, com base nos conhecimentos prévios é possível dizer o que está para ler, entretanto, esta é uma habilidade utilizada durante a leitura; A inferência, o próprio texto ativa o repertório do conhecimento do mundo leitor, fazendo com que o complemento com informações implícitas, (e a inferência textual). E a inferência lexical, faz o leitor deduzir o significado de uma palavra desconhecida a partir do contexto em que aparece; A auto-regulação ou checagem, no decorrer da leitura verifica-se a concretização ou não das antecipações. Muitas vezes o texto se faz surpreendente ou incompreensível porque não vai corresponder as expectativas criadas. Sendo possível novas previsões e, assim predizer e checar a leitura do começo ao fim; na leitura seletiva os objetivos do leitor determinam de certa forma como vai ler o texto.

Esses objetivos podem ser variados: lê-se para a obtenção ou localização de informação precisa, para revisar o que se escreve, para comunicar-se, para verificar a compreensão etc. cada situação indica uma orientação diferenciada e seleção das estratégias mais adequadas.

Portanto, ler não é fácil, mas é possível explorar na escola os diferentes tipos de textos que usamos no dia-a-dia. É importante fazer uso de algumas estratégias e procedimentos para ensinar a ler por prazer, ler para estudar e para se informar.

Uma vez que, ler por prazer tem por objetivo desenvolver o comportamento leitor. Fazer com que se tornem leitores autônomos e busquem novos livros, só pela curtição de vigiar em suas páginas.

A leitura para se informar deve ser descontraída e dinâmica, pois ela repete o que ocorreu do lado de fora da escola (ou seja, todos conversam, trocam idéias, discutem), o que está acontecendo no país e no mundo sem nenhuma formalidade.

Essa prática aproxima os pequenos do mundo cotidiano distante das metáforas e viagens da literatura e principalmente ajuda a formar leitores assíduos e interessados. Como também

ajuda na formação de jovens mais críticos e com opiniões próprias, capazes de brigar por seus direitos.

No processo de aprendizagem da leitura para se informar, cabe ao professor provocar, instigar a curiosidade, fazer relações com outros textos e utilizar as reportagens para a construção do saber. Informação sozinha, não é nada. Informação aliada ao trabalho docente é conhecimento. Ler para estudar – De todos os comportamentos leitores, este é certamente o mais cobrado pelos professores. E muitos ainda não sabem como ensiná-los a seus alunos. Sem dúvida, aprender a ler textos informativos, artigos científicos, ensaios e livros didáticos (e para didáticos) é habilidade fundamental para toda a vida dentro e fora da escola.

A escolha de um método de ensino tem como objetivo possibilitar, facilitar e desenvolver a aprendizagem dos alunos. Se para cada forma de pensar a aprendizagem sugere um novo método de ensinar, evidentemente foi isso que se deu em relação aos métodos de leitura.

As diferentes concepções sobre o ensino-aprendizagem; alunos, alfabetização fizeram surgir diversos métodos e que foram desenvolvidos ao longo dos tempos, e hoje foram classificados em: métodos sintéticos e métodos analíticos.

Os métodos sintéticos podem ser subdividido em alfabético, fonético e silábico. São chamados de sintético por ter como objetivo final a síntese – partindo de unidades menores (letras, sons, sílabas), mas espera-se que ao final o aluno consiga juntar todos pedaços aprendidos num todo com significado (as palavras, as frases, os parágrafos, os textos).

Já o método alfabético caracteriza-se por iniciar o ensino das letras do alfabeto de uma língua. De acordo com a aprendizagem começa a se fazer combinações entre vogais e consoantes, partindo das mais simples às mais complexas e com abundantes repetições.

Por conta da desmotivação dos alunos em aprender conseqüentemente surgiu o método fonético, tendo como princípio o estudo dos sons das letras e não mais seus nomes. (Por terem pouca relação com os sons que representavam). Fazia uma associação entre o sons e a grafia. Iniciando também pelas vogais e em seguida as combinações entre elas (encontro vocálicos) só posteriormente introduziria as consoantes. Também foram acrescidas figuras de animais e

ou pessoas que associado aos sons ensinados/aprendidos facilitaria a aprendizagem. Dessa forma os alunos seriam capazes de pronunciar qualquer palavra que se deparasse.

No entanto, o método fonético só destacava as regularidades fonéticas, deixando irregularidades comuns. (letras/sons diferentes, um mesmo som com letras diferentes).

Na tentativa de minimizar as dificuldades apresentadas surgiu o método silábico onde a aprendizagem inicia-se pelas sílabas, que repetidas ou combinadas a outras formarão palavras... Frases e assim por diante.

Mesmo assim, esse método de orientação sintética ressalta a falta de interesse, desmotivação do aluno por se vê na obrigação de memorizar (decodificar) símbolos. Seu ponto de partida também é contrário à lógica de aprender do aluno. (ou seja, o todo só está claro para o professor, ao aluno é dito parte por parte). Então a aprendizagem significativa não ocorre.

Já os métodos analíticos com suas subdivisões no método da palavra, da frase, do parágrafo e do conto, caracterizam-se por terem como objetivo final a análise. Inicia-se para todo que depende da ênfase teórica, dada a (palavra, frase, parágrafo, ou conto). O todo é apresentado visualmente ao aluno até que consiga identificá-lo, podendo-se segmentá-lo (palavras, letras, sílabas), para estudar melhor.

Esse método está em consonância e de acordo com a seqüência dos níveis de desenvolvimento da língua (da compreensão para a expressão), por isso pode despertar o interesse e a motivação dos alunos, visto que, o que ele lê terá significado.

No entanto, para resolver os problemas desencadeados pelos métodos de orientação analítica, surgiu recentemente o método global ou eclético, que se subdivide em: método analítico sintético de orientação global que parte de palavras ou frases, essa será dirigida à análise para os elementos que compõem essas estruturas lingüísticas complexas; e o método analítico sintético de orientação sintética o qual parte das vogais, as quais combinadas umas as outras originam as palavras.

O que difere em relação aos métodos anteriores, é principalmente a rapidez com que se passa de uma ênfase à outra.

Esses métodos apresentados da forma como foram instituídos parte de um pressuposto, ao nosso ver por uma visão equivocada, pois são todos voltados para a escrita e não abordando a leitura ao que parece porque a concebem inerente à escrita, contrário ao próprio processo de desenvolvimento da linguagem humana.

Além dessa centralização em torno de um método, torna-se necessário compreendermos que a aprendizagem da leitura e da escrita envolve uma representação simbólica entre ler (dar significado aos símbolos) falar (relacionar os símbolos) e escrever (dar formas gráficas socialmente utilizados por esses símbolos).

2.3 As metodologias adotadas para desenvolver a leitura e a escrita

Naturalmente não se deve ter em sala de aula a clássica sessão de leitura, e sim lê-se a todo o momento durante o dia em função da vida e na escola. Não se lê para aprender a ler (exceto as atividades sistematizadas), lê-se sempre por interesse imediato. A vida cotidiana está cheia de oportunidades de leitura, e nosso problema está mais em encontrar tempo para tudo do que “encontrar textos”. E as salas de aula deve ser priorizada com os mais variados textos presentes no meio social.

Toda leitura é um questionamento de texto, uma elaboração ativa de significado feita pelo leitor a partir de indícios diversos, de acordo com o que está procurando no texto para responder a um de seus projetos, ou seja, são as crianças que devem questionar um texto para extrair seu sentido e não que o professor faça as perguntas sobre o texto.

Pode se dizer que tanto para o professor como para as crianças essa é uma meta para ajudar os aprendizes leitores a construírem competências leitoras cada vez mais sutis, mais complexas. Permitindo a cada um que aplique ao longo de sua vida leitora abordagens de textos personalizados, originais flexíveis, ou seja, criativas.

O ato de aprender a ler é um ato complexo cuja compreensão se situa no cruzamento de vários eixos. Por isso, é que não se trata de inventário de técnicas, mas sim de uma problemática global. O nosso propósito é intervir nessa problemática com relação às problemáticas tradicionais, pondo à frente o que dá um sentido à presença das crianças na escola e ao seu aprendizado.

É lendo que nos tornamos leitor e não aprendendo a ler primeiro para poder ler depois. A criança lê quando é colocada numa situação de vida real em que precisa ler um texto, ou seja, construir seu significado (informação ou prazer). Por isso os textos encontrados devem ter sempre uma maior diversidade, um texto que se tem realmente vontade de ler ao invés de um texto que é lido “apenas para aprender a ler”. Como nos diz Jolibert (1994:14) não se ensina uma criança a ler: é ela quem se ensina a ler com a nossa ajuda (e de seus colegas e dos diversos instrumentos da aula, mas também a dos pais e de todos os leitores encontrados).

Não devemos esquecer que, cada criança possui seus próprios processos, suas etapas, seus obstáculos a vencer, seus pulos qualitativos. A ajuda lhe vem do confronto com quem está trabalhando, porém é ela quem desempenha a parte essencial da atividade de seu aprendizado. Tendo em vista, que ler é questionar algo escrito a partir de uma expectativa real, numa verdadeira situação de vida.

2.4 Significado social da leitura para o professor

Não se deve esquecer que o interesse pela leitura também se cria, suscita-se e se educa. Por isso, quando o professor lê para o aluno deve fazê-lo com a entonação que o texto sugere.

O professor tem um papel importante na condução do trabalho, pois deverá encaminhar o aluno na busca da clareza e objetividade do texto, para atingir com eficácia o seu interlocutor.

Visto que, não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.

No entanto, o papel do professor é o de constituir um ambiente que respeite as idéias dos alunos, deixando-os falar, mas, sobretudo orientando-os a usar adequadamente os discursos nas mais variadas situações de comunicação. E para isso é necessário oferecer-lhes instrumentos para enfrentar situações, saber argumentar, opinar, defender idéias, ou seja, ensiná-los a utilizar com mais competência a linguagem oral.

Percebemos a necessidade de mudanças no processo ensino-aprendizagem, principalmente no que se refere à formação de leitores, pois essa formação poderá trazer conseqüências para toda a vida. Conseqüências estas que dependerão da prática concebida pelos educadores, podendo estar pautada na construção do conhecimento ou na mera reprodução dos signos lingüísticos. Em uma prática voltada à libertação ou a alienação, dependendo da postura que cada educador assume em sala de aula.

Na perspectiva de RANGEL (2001:82) educar significa:

[...] Ensinar não apenas habilidades, conceitos e conteúdos vários, mas socializar para a vida em sociedade (...). Os alunos e suas famílias não esperam da escola a reiteração de sua própria altura nem "linguagem pública". Pretendem a oportunidade de adquirir algo que não lhes foi dado de berço, uma 'cultura escolar', uma linguagem 'cult', algo que depende diretamente da formação e da disposição dos professores que a escola lhes oferece.

É esse universo que é preciso possibilitar o cultivo dos bens culturais e sociais, considerando as expectativas dos alunos, dos pais, da comunidade e dos professores.

...Que o aluno vivencia situações diversificadas que favorecem o aprendizado para dialogar de maneira competente com a comunidade, aprender a respeitar e a ser respeitado, a ouvir e ser ouvido, a reivindicar direitos e a cumprir obrigações, a participar ativamente da vida científica, cultural, social e política do país e do mundo. (PCN 2001:48).

É, portanto, dever do professor formar cidadãos conscientes e críticos dos seus direitos e deveres perante a sociedade na qual está inserida. E não deixar, tornar o nosso aluno um sujeito apático aos acontecimentos e ao seu meio.

Por isso é dever do professor repensar a sua prática, refletindo sobre suas ações e possíveis causas do fracasso escolar especialmente em relação à leitura.

2.5 O significado social da leitura para o aluno

A leitura numa dimensão social nos apresenta que para se aprender a ler depende da existência de um sistema de escrita; de um processo de alfabetização e de um conjunto de valores.

A leitura numa perspectiva social não é inata, ou seja, não se nasce com essa capacidade de ler desenvolvida ao adquiri-la essa habilidade de leitura revela algumas características sociais, uma vez que decorre de um investimento da sociedade no indivíduo. Nessa perspectiva, para se aprender a ler dependemos da existência de um sistema de escrita; de um processo de alfabetização, esses fatores demonstram ser a leitura um processo que se constrói socialmente, também depende de um aprendizado formal, e de um conjunto de valores, esses valores vincula a leitura a valores ideológicos presente nas sociedades históricas. São esses fatores, que garantem a existência e o desenvolvimento do exercício da leitura, estão subordinados e atrelados à escola como ler não é fácil. Mas ler é o único jeito de se comunicar de igual para igual com o resto da humanidade, seja no tempo, seja no espaço.

Portanto, questionamos com os alunos a importância da leitura, aqui nomeados por letras (A, B, C, D e E) apresentando seus relatos: aluno A diz: “A leitura é importante para a gente ser educado e eu quero aprender para ser polícia.”

É nos escritos que desvendamos outras culturas, que compreendemos de fato o sentido da expressão diversidade (de idéias, vivências, sonhos, experiências). Assim, a leitura é um processo de compreensão, de comunicação e de registro das relações humanas que devem ser conquistadas para atender as ações e aspirações dos homens. Aluno B: “É importante para ler as coisas que ainda não sabe.”

Se para alguns é um processo de descobertas, para outro pode ser apenas um momento de prazer. A aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas. Sendo usuários no sentido de compreender e produzir desde os mais diversificados portadores de textos e das múltiplas funções da linguagem utilizadas na sociedade em que vivemos. De acordo com o aluno C: “É importante saber ler para estudar.”

Através das atividades de leitura, oferecidas pela escola o aluno deve ser capaz de desenvolver suas capacidades de compreensão e intervenção nos fenômenos sociais e culturais, nacionais e universais. Como cidadãos capazes de exercer o seu exercício de cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente. O relato do aluno D: “Quero aprender a ler para quando for para São Paulo saber pegar o ônibus.”

O aluno deve vivenciar um ensino de qualidade que busca formar cidadãos capazes de interferir na realidade para transformá-la em condições capazes de atender as necessidades da humanidade pela reflexão de suas ações. Já o aluno E diz: “Quero aprender a ler para descobrir as coisas, para ninguém me fazer de besta.”

Como podemos observar cada aluno possui o seu conceito sobre a importância da leitura dentro da sociedade.

3. Análise das práticas pedagógicas em relação à leitura.

*Sei que as coisas podem até piorar,
mas sei também que é possível
intervir para melhorá-las.
(Paulo Freire)*

Neste capítulo relataremos as atividades desenvolvidas durante o período que corresponde ao Estágio Supervisionado.

Com o objetivo de analisar o nível de leitura em que se encontravam os alunos da 2ª série da E.E.E.I.E.F. Venâncio Dias, desenvolvemos um cantinho de leitura, disponibilizando ao aluno o acesso aos diferentes gêneros textuais como: revistas, gibis, histórias infantis, contos, jornal, poesias e música.

Iniciamos a atividade de leitura pelo manuseio individual da coletânea de textos ali dispostos. Em seguida, sugerimos que os alunos escolhessem e fizessem a leitura visual do texto que mais lhes chamou à atenção, pedindo que cada um relatasse o que acabara de lê, ou seja, uma leitura de predição.

No dia seguinte da análise, prosseguimos com a mesma coletânea de textos, desta vez propomos que escolhessem o mesmo livro (a leitura) e fizessem uma leitura silenciosa verificando se a sua leitura anterior realizada através da imagem se encontrava também no código escrito.

Em um terceiro momento, pedi que realizassem a leitura individualmente em voz alta, sendo induzidos a falarem o que entendeu da sua leitura, podendo desta forma conduzi-los a

questionamentos que envolviam os três níveis da compreensão leitora e podermos assim dá prosseguimento à nossa análise.

No decorrer das observações e análises dos alunos nas atividades desenvolvidas em sala de aula foi possível detectar que mesmo diante de tantas preocupações e inovações no processo ensino aprendizagem no tocante à leitura, ainda nos deparamos com uma grande deficiência da leitura, visto que, dos 28 (vinte e oito) alunos observados neste diagnóstico 12 (doze) se encontram no nível literal, entre eles 5 (cinco) alunos não conhecem (decodifica) as letras do alfabeto isoladamente (e sim na ordem). Os outros 7 (sete) apenas lêem silabando (decodifica). É sabido que isso ocorre em grande proporção nas nossas escolas, por ser esse nível de leitura o mais explorado nas escolas, fazendo com que os alunos desenvolvam o hábito de responderem apenas às questões explícitas no texto e que podem facilmente serem encontradas, mas não entendem o que estão lendo.

Constatamos ainda que 8 (oito) crianças dessa turma encontram-se no nível interpretativo, mesmo com dificuldade na entonação. Por isso conseguem entender melhor a leitura quando realizada oralmente por outros.

Em relação ao nível crítico podemos diagnosticar nas observações realizadas em sala de aula que 8 (oito) alunos lêem com entonação e desenvoltura, o que implica ser caminhos para um melhor entendimento conduzindo dessa forma a consciência crítica do aluno. Entre eles 3 (três) opinam de forma clara e espontânea, os demais só apresentam opinião quando são explorados pelo professor.

Sabemos que ler é adentrar em outros mundos, é questionar a realidade para melhor compreendê-la, e distanciar-se do texto é assumir posturas críticas diante do fato explícito e implícito na nossa cultura.

3.1 Caracterização da escola campo de Estágio

A Escola Estadual Venâncio Dias, na cidade de Monte Horebe no auto sertão paraibano, foi construída em um terreno doado pelo Sr. João Pereira de Sousa, ela recebeu esse nome em homenagem ao fundador da cidade de Monte Horebe.

A escola foi fundada em 12 de fevereiro de 1962, no início do seu funcionamento só havia três salas de aula, secretaria, cantina, um banheiro masculino e outro feminino, sendo que moravam algumas famílias no terreno da escola, já que não havia muro. Como professores fundadores da escola temos: Iracema Dias de Lima, Francisca Alves Gondim e Maria Neni de Freitas, tendo como auxiliares de serviços Irene Pedro da Silva e João Galdino Pessoa.

Hoje, ela recebe o nome de Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Venâncio Dias, localizada na Rua Tiburtino Dias, S/N, na cidade de Monte Horebe – PB. a mesma é composta por 24 dependências, sendo: 04 salas de aula, 01 sala de pré-escolar com 01 banheiro e 01 almoxarifado, 01 sala de recurso (Diretoria) com 02 almoxarifados e 01 banheiro, 01 cozinha, 01 pátio, 04 corredores, 03 banheiros femininos e 03 banheiros masculinos.

Seu quadro funcional é composto de 17 professores, entre eles 01 diretor, 01 vice-diretor, 05 auxiliares de serviços, 03 vigias, 02 secretárias. Tendo um total de 387 alunos, para atender a esta clientela a referida escola trabalha com um Projeto Político Pedagógico, além de atender desde o ano de 2006 aos projetos: A Base é Fundamental; Se Liga Paraíba e o projeto de Correção de Fluxo. Distribuídos nos três turnos: manhã da 1ª à 4ª série e os referidos projetos; a tarde a pré-escola e as turmas de 2ª à 4ª série e o turno noite atende aos alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos). A mesma recebe os recursos do Governo Federal PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) destinado à aquisição de material didático e manutenção; FNDE (Fundação Nacional do Desenvolvimento da Escola) destinado à merenda escolar.

Em relação ao apoio pedagógico é bem precário uma vez que, a escola conta apenas com a equipe da 9ª Regional de Ensino uma vez por ano de forma direta nos SEF (Seminário Estadual de Formação) e de maneira indireta através do diretor, (repassa de informações) o que proporciona reuniões quando necessário.

O planejamento das aulas é realizado bimestralmente de acordo com o calendário escolar ficando a cargo do professor o seu desenvolvimento (diário, semanal, etc), como também as atividades desenvolvidas nas datas comemorativas. A cada bimestre são realizadas três avaliações da Língua Portuguesa e Matemática e duas das demais disciplinas, nessas

avaliações também se conta a participação do aluno. Caso não atinja a nota 7,0 (sete) é feita uma reposição desta nota, onde ele terá de estudar o conteúdo para fazer nova avaliação.

O contato entre comunidade-escola, professor-pais-comunidade se dá através de reuniões bimestrais. Onde são discutidos assuntos referentes à aprendizagem. Percebe-se portanto, a falta de compromisso da família na relação a educação dos seus filhos uma vez que a escola procura desenvolver o conhecimento do aluno para tornar-se um cidadão consciente dos seus direitos e atuante dos seus deveres da sociedade que esteja inserida.

3.2 Análise dos resultados

O objetivo primordial deste capítulo é relatar as experiências vivenciadas em sala de aula durante uma parte do Estágio Supervisionado. Iniciamos no dia 05 de março e finalizamos no dia 30 de março do ano 2007 um projeto de leitura, que teve grande valia, apresentando contribuições significativas para aprendizagem dos alunos da 2ª série por despertar o gosto pela leitura.

Diante dos desafios na formação de leitores faz-se necessário que os professores passem a repensar a sua prática pedagógica fazendo com que as suas aulas tornem-se mais prazerosa e significativa, estimulando-os a estreitar suas relações com sua realidade numa análise crítica para melhor compreendê-la e transformá-la. Tornando-se consciente de que o modo de pensar das crianças nem sempre coincide com o dos adultos.

Considerando a leitura uma forma de possibilitar o indivíduo adentrar ao mundo da cultura e do conhecimento. Os professores deverão estar bem preparados teoricamente, demonstrando conhecimento e envolvimento, compartilhando com os alunos o seu comportamento de leitor, opinando e conquistando-o a participar. Também estar convicto do seu papel e da sua capacidade desafiadora e comprometida com uma educação de qualidade.

Há 19 anos sou funcionária pública da rede estadual de ensino, lecionando na primeira fase do Ensino Fundamental, tenho lecionado em apenas duas escolas e o que me chama mais atenção são as dificuldades que os alunos têm em desenvolver as atividades de leitura, caracterizadas sempre pela falta de interesse, de compromisso (pais / alunos) e de motivação, é comum tal discussão. Vale ressaltar, que não é culpa somente dos educandos e do sistema, mas, também

dos educadores e da instituição de forma geral. O que é evidenciado pelos trabalhos individuais e isolados sem uma seqüência de uma série para outra.

Faz-se, portanto, necessário que os educadores percebam-se como co-responsáveis pelo processo ensino aprendizagem da leitura e passe a desenvolver uma proposta coletiva que valorize os níveis de leitura do educando de forma positiva e prazerosa no desenvolvimento da sua aprendizagem e no exercício da sua cidadania.

A ausência das práticas de leitura desenvolvidas em sala de aula despertou-me o desejo, de enquanto profissional desse sistema educacional, que hoje passa por grandes desafios no tocante à leitura, de desenvolver atividades de leitura que transforme o quadro atual, despertando para a importância da leitura na vida das pessoas.

É através das práticas de leitura de forma prazerosa e divertida que nós educadores conseguiremos que os alunos avancem para o nível de leitura interpretativo e conseqüentemente o crítico, tornando-se sujeito ativo e reflexivo, capaz de exercer seus direitos e deveres de cidadão dentro dessa sociedade que requer do cidadão o exercício pleno da sua cidadania.

No entanto, diante da extrema importância que a atividade de leitura requer dos nossos educadores, cabe-lhes um trabalho consciente e dinâmico a ser desenvolvido coletivamente no ambiente escolar, superando a forma mecânica dos livros didáticos e valorizando atividades diversificadas e desafiadoras, induzindo os educandos a questionamentos, favorecendo assim a criticidade entre educandos e educadores.

Agora, vale a pena descrever algumas experiências vivenciadas na sala de aula que me deixou muito contente ao perceber que consegui despertar nos alunos muito interesse e satisfação no desenvolvimento do projeto de leitura, envolvendo contos, notícias (de jornal, televisão, revista) histórias infantis e documentos.

Iniciamos as nossas atividades de leitura com uma roda de conversa sobre a importância da leitura para a vida das pessoas. E entre os diferentes conceitos, um dos alunos relatou que “ – É preciso aprender a ler para poder trabalhar, porque meu pai foi para cortar cana e não ficou

porque não sabia ler nem escrever”. Uma outra dia “ – E minha mãe deixou de trabalhar, porque não sabe ler para fazer a prova da prefeitura”.

Em seguida, fiz uma explanação da importância da leitura, valorizando os conceitos expostos por eles, como também despertando sua atenção para o interesse e o desejo de conseguir essa habilidade de leitura está intrínseca em cada um de nós e que para aprender a ler é preciso querer, pois “ninguém ensina ninguém a ler, mas aprendemos a ler com ajuda de outros”. Mas determinação e interesse de cada um.

Após essa roda de conversa com os relatos e discussão envolvendo professor e aluno foi possível perceber uma maior concentração e interesse pela maioria dos alunos no desenvolvimento e realização das atividades propostas nesse projeto de leitura.

No segundo momento, organizamos na sala de aula um cantinho bem relaxante onde faríamos a leitura oral de um “conto”, ouvindo-o tocar em um som. Logo após ouvirmos “O velho, o menino e o burro” propomos questionamentos, críticas, ensinamentos, idéias e opinião com a participação espontânea da maioria dos alunos.

Sabemos que a leitura não é feita somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas que também lêem o texto, uma vez que os primeiros contatos que a criança tem com a leitura é ouvindo-a. como também a diversidade de leitura que fazemos diariamente usando esta estratégia. O mais importante é que a capacidade de compreensão seja desenvolvida, exercitada e ampliada em diversas atividades de leitura antes mesmo que a criança tenha aprendido a decodificar o sistema da escrita.

No momento seguinte, os alunos tiveram acesso ao conto, desta vez realizando leitura silenciosa individual para ilustração, como também uma leitura em grupo com os alunos que apresentam-se no nível literal, favorecendo maior acesso ao código escrito com ajuda do professor e outros três alunos que lêem com entonação e discernimento.

No dia seguinte, os alunos tiveram a oportunidade de realizar atividades diversificadas de leitura, ao ser oferecido um jornal a cada aluno para manuseio e leitura individual silenciosa. O que não foi possível a realização dessa estratégia de leitura “silenciosa”, pois, o entusiasmo, a alegria de conhecer e manusear um jornal completo era surpreendente e demonstravam isso

de forma coletiva, todos queriam compartilhar o que estava lendo, envolvendo todos os cadernos (fotos, propagandas, notícias, etc) o que determinou essa leitura como momento de prazer.

Em um outro momento, fiz a apresentação do jornal através do manuseio e leitura coletiva, conhecendo-o na sua estrutura (cadernos, páginas, nome do jornal, data, preço, manchetes) tendo cada um a oportunidade de identificá-las, na sua maioria conseguiram sozinhos. Ao término dessa atividade puderam relatar essa vivência, sendo unânimes em dizer que “foi muito boa”, “gostei muito”. Percebi então que essa atividade fluiu um maior interesse dos que ainda não decodifica o código escrito, mas pela oportunidade das imagens oferecidas por este gênero textual.

No entanto, as atividades de leitura com o jornal não pararam por aí, desta vez pedimos que os alunos lessem o que mais gostou de forma individual, fazendo uso da estratégia da leitura silenciosa e depois sociabilizassem a sua leitura. Entre as leituras realizadas pelos alunos que se encontravam no nível literal (não entendem), dois deles citaram algumas palavras lidas.

E para concluir essa atividade de leitura com o uso do jornal, realizamos a leitura em grupo, sendo formado pela preferência de cada um constituído os grupos, selecionaria a preferência da maioria e escolheriam um leitor para a realização da leitura oral para o grupo e em seguida relataria o texto lido e discutido por todos. Foi esclarecido que os grupos poderiam contar com a intervenção da professora sempre que necessário. E para surpresa maior, todos os grupos apresentaram, relataram sobre suas leituras de maneira segura, quando um precisava o outro ajudava. E para completar essa atividade fiz intervenções e questionamentos que os levassem a expor suas críticas e opiniões, percebendo assim o desenvolvimento dos alunos que se encontravam no nível literal e interpretativo mesmo com frases curtas e ou problemas simples.

Entre outras atividades de leitura, oferecemos clássicos de histórias infantis a serem utilizados durante o desenvolvimento do projeto, através da leitura silenciosa e individual, compartilhada e oral, desenvolvida pelos alunos e pelo professor fazendo uso da habilidade de antecipação e inferência. Esta atividade prosseguiu por alguns dias, uma vez que os alunos levavam o livro para ler em casa. Depois cada aluno socializava a sua leitura e dava opinião. Gradativamente o interesse e o gosto pela leitura foi aumentando, pois os alunos que

terminavam de ler um livro já queriam levar outro. Ao iniciar esta prática alguns resistiam, com o passar dos dias todos querem levar os livros, alguns diariamente.

Hoje sinto-me lisonjeada por ter em minha sala de aula um número considerável “bom” de alunos que frequentam a biblioteca pública da cidade.

Ainda durante o projeto, desenvolvemos também atividades de leitura da qual estamos sempre fazendo uso no nosso dia-a-dia principalmente para nos informar e ou adquirir informações, para esta atividade fizemos uso de documentos como a Certidão de Nascimento, e pela leitura individual podemos colocar dados pessoais para o preenchimento de fichas individuais.

Em outros momentos foi possível oferecer para leitura e manuseio outros documentos como: RG, CPF E Título Eleitoral, alguns fornecidos pelos pais e outros da professora (original e ou xérox) sendo realizado leitura silenciosa oral e explicativa pelo professor para esclarecer dúvida e informações contidas nos mesmos. Vale ressaltar, que iniciamos tal atividade pelo conhecimento prévio do aluno sobre a importância e a necessidade de uso dos mesmos. Iniciando com relatos individuais sobre a importância da leitura realizada, onde todos afirmam “foi muito bom conhecer os documentos que um dia também vamos tirar”.

E para encerrar, não nossas atividades de leitura, mas o nosso maravilhoso projeto, pois o mesmo foi desenvolvido com sucesso inclusive nossas leituras dramatizadas “A margarida friorenta” pelos nossos alunos dos três níveis de leitura. Além do interesse dos participantes os demais demonstram interesse e desempenho na organização para apresentação de sucesso no pátio da escola aos demais discentes e docentes.

Como vimos, os resultados foram bastante satisfatórios, os alunos realmente se envolveram e realizaram com prazer as atividades propostas pelo projeto. Mas, sem dúvida ainda há muito a se fazer para garantir a prática de leitura nas nossas salas de aula e toda a escola.

Esse projeto foi desenvolvido com o objetivo de despertar no aluno o gosto e o prazer pela leitura, para que superem as dificuldades vivenciadas hoje em nosso meio familiar, social e educacional.

Através dessas análises e dos estudos realizados, podemos compreender que não é possível apenas termos conhecimento da importância da leitura, das suas dificuldades e dos diversos entraves que circulam em torno da leitura nas instituições educacionais brasileiras. Cabe, portanto, aos professores e toda comunidade escolar se envolver nesse processo para garantir um bom desempenho da leitura dentro da escola. Se for conhecimento de todos esses problemas, deve ser também de consenso comum a realização de um trabalho coletivo coerente e coeso, despertando e motivando o educando o prazer e o hábito de ler. Garantindo assim, a transformação no dia-a-dia na sala de aula e na comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme estudos realizados, entendemos a educação como um processo vivo, pelo desejo e a necessidade de decifrar os enigmas do conhecimento com os quais nos deparamos. Ela é a extensão da vida, a escola do mundo. Nessa perspectiva, novas competências e exigências se evidenciam na formação crítica do sujeito tomando por base a leitura e a escrita. É notória as dificuldades e a problemática enfrentadas pelos educadores e educandos no processo de ensino aprendizagem.

Tendo em vista a falta de metodologia adequada, atividades escolares desvinculadas da realidade do aluno, a defasagem das reais condições em que se encontram a maioria das escolas, a situação de precariedade vivido pelos educadores, a desvalorização objetiva do magistério, a falta de capacitação adequada, podemos dizer que são inúmeros fatores que provocam desmotivação e descrédito na busca de transformação da situação. A prática escolar distingue-se de outras práticas educativas, como as da família, do trabalho, da mídia, do lazer e demais formas de convívio social, por ser uma ação educacional, sistemática, planejada e continuada. Dessa forma, assume o compromisso de promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos pela aquisição da leitura e da escrita.

Tal habilidade pode ser desenvolvida de diferentes formas, uma delas é através do trabalho com diferentes gêneros textuais. Pois, a variedade dos gêneros textuais traz a possibilidade de alargar o contato dos educadores (e educandos) com outros gêneros escritos, descobrindo suas características, compreendendo seus recursos e aprendendo a recriar novos textos, com a diversidade de gêneros possíveis. Possibilitando assim, uma nova visão do currículo escolar, revelando nossa compreensão de que esses currículos são dinâmicos e não podem ser pensados por formuladores distanciados das salas de aula das escolas, mas sim pelos que nela estão cotidianamente.

São essas experiências, e vivências de sala de aula que nos levam a ação-reflexão-ação no nosso dia-a-dia, experiências que nos trazem saberes, não os saberes que são transmitidos no decorrer da nossa formação profissional, pois esses saberes são irrelevantes para a construção do conhecimento. Mas, saberes relevantes que se transformam e se reproduzem às situações cotidianas.

E por acreditar que a escola é lugar privilegiado para aprendizagens significativas desenvolvendo o projeto dentro da temática da leitura com estudos, análises e intervenções valiosas na formação do aluno. Por isso, é possível ressaltar que ao analisar o nível de conhecimento de aprendizagem do aluno, indagando e registrando é possível à intervenção e colaboração do professor nas diversas áreas do conhecimento humano, desenvolvendo as habilidades de ver, ouvir, falar e escrever sobre acontecimentos, experiências vividas ou imaginadas uma vez que a leitura não está apenas no código escrito (decodificar), mas está presente no nosso cotidiano através do som e da imagem e requer os mais variados tipos de leitores.

Objetivando assim, fomentar com outros educadores no sentido de contribuir para a construção da formação de leitores, transformando-os em sujeitos oradores, leitores e escritores conscientes e capazes de exercerem os seus direitos e deveres dentro e fora da escola.

IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E DA ELABORAÇÃO DA MONOGRAFIA PARA A MINHA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Diante de inúmeras deficiências e descrêdito no sistema educacional, acredito que a Escola seja o lugar privilegiado para que aprendizagens sistematizadas e significativas ocorram. Por isso, mesmo já graduada senti necessidade de ingressar na habilitação da Docência. O que levou-me a um aprofundamento teórico sobre o tema leitura e escrita por ter que desenvolver uma monografia como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), durante o Estágio Supervisionado. Dentro desse trabalho foi necessária a elaboração, desenvolvimento e vivência de um projeto de leitura a curto prazo. E desta vez tive a oportunidade de deleitar-me da experiência de elaborar as vivências que veio me provar que a leitura instrui, educa, nutre o imaginário, ensina a olhar o mundo e as pessoas de maneira diferenciada, e que na escola podemos desenvolvê-la de maneira significativa e prazerosa. As experiências de leitura realizadas em diversas obras veio de encontro a uma gama de conhecimento sobre o tema, enriquecendo-o e fortalecendo o compromisso de incentivar o hábito de leitura, essa leitura que instrumentaliza a visão crítica e permite a pessoa construir melhor a sua história e entender melhor a do outro. É, por que estou convencida sobre ela, assino.

Ana Lúcia Gomes Braga Benedito

Ana Lúcia Gomes Braga Benedito

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** 9ª ed. São Paulo: Loyola, 1990.

BENCINE, Roberta. **O desafio da qualidade.** NOVA ESCOLA Fundação Victor Civita editora Abril São Paulo ano XXI N° 196 outubro 2006.

_____. **Todas as leituras.** NOVA ESCOLA Fundação Victor Civita editora abril São Paulo ano XXI n° 194 agosto 2006.

BREVES FILHO, José; **Uma leitura da literatura infantil na escola.** Fortaleza: Breves Palavras, 2004.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Introdução, 3ª edição, Brasília: 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística.** 7 ed. São Paulo: Scipione, 1994.

DIAS, Ana Iório. **Ensino da linguagem no currículo.** Fortaleza: Tropical, 2001. (Coleção professores nas séries iniciais, v.5)

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da linguagem escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** 41 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005 (Coleção Leitura).

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 2ª ed. São Paulo: Alínea, 2001.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, vol.I.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura** 19 ed. São Paulo Brasiliense 1994 (Coleção primeiros passos).

MATOS, Kelma Socorro Lopes de & Vieira, Sofia Lerch Matos. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2ª ed. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

NOVA ESCOLA Fundação Victor Civita editora abril São Paulo ano XX nº 194 agosto 2006.

ANEXOS

PROJETO PEDAGÓGICO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

TEMA: Leitura

E.E.E.I.E.F. Venâncio Dias

Período: 05 de fevereiro à 30 de março

Duração: 80 horas – aula

Turma: 2ª série

Turno: manhã

JUSTIFICATIVA

Diante de tantas dificuldades existentes no processo ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, senti a necessidade de refletir e ressignificar o processo do ensino da leitura.

Acredito que posso contribuir para a melhoria do processo ensino-aprendizagem no que concerne ao ato de leitura desenvolvendo posturas docentes e metodologias de ensino que propiciem aprendizagem significativa e desperte no educando o prazer de ler propiciando o gosto pela leitura, atitude primordial do intento desse estudo.

Na busca de uma sociedade mais igualitária, mais justa e mais humana é preciso instrumentalizar as pessoas. Por isso, acredito que a escola é um lugar privilegiado para que aprendizagens sistemáticas e significativas ocorram transformando os sujeitos em leitores conscientes e capazes em processo contínuo de aprendizagem.

OBJETIVOS

- Despertar o interesse e o gosto pela leitura;
- Desenvolver o senso crítico do aluno a partir da leitura de textos, imagens e sons.

METODOLOGIA

- Ornamentação da sala de aula com incentivo à leitura;
- Atividades diversificadas em sala de aula com diferentes gêneros textuais;
- Leitura de contos e clássicos infantis.

AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua, considerando os níveis de conhecimentos dos alunos a partir da participação, interesse, desenvoltura, desempenho da oralidade, socialização e criatividade de análise.

CULMINÂNCIA

Exposição dos diversos trabalhos desenvolvidos pelos alunos durante o desenvolvimento do projeto de leitura.

